

ENTRE O CÁRCERE E A INFÂNCIA: O VALOR ENORME DAS PALAVRAS¹

Maria Betânia Almeida Pereira (UERJ)

RESUMO: A pesquisa parte da análise das obras *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953) de Graciliano Ramos no intuito de investigar a tessitura narrativa das memórias desse autor que, ao resgatar suas vivências da meninice no sertão nordestino e experiências no período da cadeia, ganha contornos ficcionais. Procura-se investigar como o relato memorialístico é construído, quais os meios empregados numa escrita de si que é capaz de transformar as experiências vividas em matéria literária, não ficando resumidas a simples relatos autobiográficos. O livro *Infância* é elaborado no período pós-cárcere, momento ainda marcado pelas agruras da prisão. Veremos então que a pena do escritor não escamoteia as penas vividas no presente e estas não se diferenciam das penas do passado, se atentarmos para o universo de violência e opressão em que vivia o menino. Dessa forma, neste trabalho, procuramos rever como o menino de *Infância* dá a mão ao adulto das *Memórias do Cárcere* e vice-versa; é um jogo ambíguo e ao mesmo tempo revelador de uma escrita singular, cujo compromisso artístico e ideológico do autor se desvela na urdidura dos textos.

Palavras-chave: Memória. Infância. Ficção. Graciliano Ramos.

Infância e Vidas Secas de Graciliano Ramos, antes de ganharem contornos de “livros”, foram inicialmente contos publicados, de forma esparsa, em jornais e revistas. É curioso perceber o processo de escrita de *Infância*, vista pelo autor, como signo de sua “bárbara educação nordestina” expressão esta sinalizada por Ramos em seu livro de memórias da prisão. Quais os pontos de contato entre *Infância* e *Memórias do Cárcere*? De que maneira o relato memorialístico é construído? São questões trazidas para o debate neste texto, cujo recorte busca investigar quais os meios empregados numa escrita de si que transforma as experiências vividas em matéria literária.

¹ Este trabalho é uma versão adaptada de outro artigo, cujo título é “Da literatura como força – ou têm poder as armas insignificantes?” publicado no livro *Pensar Memórias do Cárcere*, da editora 7Letras, ano de 2015, organizado pelas pesquisadoras Matildes Demetrio dos Santos e Mônica Gomes da Silva.

Antes de serem reunidos em forma de livro, os trinta e nove contos que integram *Infância* foram publicados em jornais, revistas e suplementos do Rio de Janeiro e Lisboa entre 1938 e 1944, aproximadamente. Em 1945, o editor José Olympio publica a obra completa e insere na capa a indicação “Memórias, Diários e Confissões”. Percebe-se a preocupação da editora em organizar o livro a partir das narrativas em primeira pessoa, levando o leitor a acreditar que está diante de textos de igual característica, sem perceber que, apesar de intimamente ligados, as memórias, os diários e as confissões têm implicações literárias distintas e é necessário um cuidado maior para não cair num reducionismo perigoso que não os diferencia.

Grosso modo, no gênero memórias está presente uma relação com o tempo passado em que as lembranças são filtradas pela subjetividade dum “eu” que, muitas vezes multifacetado, se revela/esconde nas artimanhas da linguagem. O diário, por sua vez, é uma escrita que se realiza, como bem designa o próprio termo, no dia a dia; trata-se duma escrita cotidiana cuja base é a data. Para Philippe Lejeune (2008), o diário é uma série de vestígios e uma escrita que pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências. Maurice Blanchot (2005) acrescenta que este gênero está preso ao calendário, ou seja, o que se escreve se enraíza no cotidiano e na perspectiva que o cotidiano delimita. Tendo outras particularidades, as confissões remetem ao esforço de relatar, por meio de autorretratação, as vivências dignas de serem transmitidas ao leitor, por meio duma seleção em que o narrador pode fazer uma apologia de sua vida, procurando esclarecer e justificar atitudes passíveis de interpretações diversas.

Retomando *Infância*, quem vai dar as chaves para a compreensão da possível categorização da obra é o próprio escritor. Vejamos. Em tempo anterior ao da prisão, Graciliano relata que a ideia do livro veio pronta, por acaso e sem esforço, conforme explica na carta enviada a Heloísa Ramos, sua esposa, em 28 de janeiro de 1936:

Um dia destes, no banheiro, veio-me de repente uma ótima ideia para um livro. Ficou-me logo a coisa pronta na cabeça, e até me aparecerem os títulos dos capítulos, que escrevi quando saí do banheiro, para não esquecê-los. Aqui vão eles: *Sombras, O inferno*,

José, As almas, Letras, Meu avô, Emília, Os Astrônomos, Caveira, Fernando, Samuel Smiles. Provavelmente me virão ideias para novos capítulos, mas o que há dá para um livro. Vou ver se consigo escrevê-lo depois de terminado o *Angústia* (RAMOS, 1982, p. 161).

Entretanto, a concretização do livro aconteceu quase dez anos depois. A forma de organização dos capítulos indica o critério cuidadoso do autor e a preocupação em estabelecer uma “ordem” para a matéria narrada, dando um ritmo próprio ao texto. Em 1938, “Samuel Smiles”, “Os Astrônomos” e “O menino da mata e o seu cão Piloto” foram os primeiros contos publicados, mas não são os três primeiros contos que iniciam o livro. Aos poucos, o contista foi elaborando seu projeto inicial. Num primeiro momento, “a coisa pronta na cabeça” veio sob a forma de títulos, resguardando as imagens, em flashes vindos “de repente” e espontaneamente da lembrança, sem esforço, conforme as palavras do escritor na carta. Num segundo momento, para a elaboração das reminiscências em formato de livro, o rigor, a agudeza crítica e sensibilidade estética, tão peculiares ao escritor, delineiam o “livro de memórias”, que, graças ao trabalho com a linguagem, foi se revelando próximo ao da ficção.

Sobre o método de escrita do contista, o filho Ricardo Ramos (1987) observa que o pai dá às suas memórias um tratamento próximo ao da ficção, antepondo, aguçando, ampliando a matéria narrada (*apud* GARBUGLIO, 1987). Este processo quase ficcional é perceptível em *Infância*, logo na parte inicial, uma vez que o narrador não traça uma ordem cronológica – o nascimento, os dados primeiros da vida de criança –, como se espera dum livro de memórias². O modo como o texto se compõe é outro, pois suscita o que Roland Barthes (2002) denomina texto de fruição, por levar o leitor a um estado de desconforto que faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor à medida que o trabalho com a linguagem ultrapassa a tagarelice e revela o brio do texto, ou seja, sua vontade de fruição. Para Barthes (2002) este brio do texto é o momento em que as portas da linguagem se abrem para o encontro ente o ideológico e o

² Sobre os três primeiros contos de *Infância*: “Nuvens”; “Manhã”; “Verão” e o processo de elaboração poética das memórias, há um artigo de minha autoria, denominado “Memórias de infância em Graciliano Ramos” que pode ser visto no periódico *Linguagem em (Re)vista*, ano 08, n. 15-16, pág. 125-144.

imaginário que se inscrevem tanto no plano do conteúdo quanto no plano estético-formal da obra.

Um modo de pensar a sociedade da época, a reflexão do trabalho do escritor no corpo do texto, o amálgama entre experiências vivenciadas e imaginação são os ingredientes do livro que comporta um caráter autobiográfico, mas que passeia com desenvoltura entre a memória e a ficção. *Infância* não se reduz, portanto, a um “livro de memórias”, pois aponta singularidades que transcendem esta classificação. Uma das zonas de “desconforto” e, paradoxalmente, estado de encanto que a leitura de *Infância* evoca estaria exatamente no seu caráter fronteiro entre memória e ficção. O texto interage com o leitor e sua participação é fundamental para a compreensão da obra, que seduz pelo universo multifacetado de uma expressão dramática, característica da ficção de Graciliano em primeira pessoa.

Em entrevista concedida a Homero de Senna na *Revista O Globo*, em 18 de dezembro de 1948, ao ser perguntado sobre a sua infância em Palmeira dos Índios, o romancista responde que “tudo está contado em *Infância*”. Sobre Quebrangulo, cidadezinha no interior de Alagoas, onde nasceu, não tem recordações, por ter se mudado de lá para Pernambuco com apenas um ano de idade. Dessa infância, caracteres distintos e contraditórios coexistem e são ampliados na contextura ficcional do narrador do livro. O autor explica:

Criei-me em Buíque, zona de indústria pastoril, no interior de Pernambuco, para onde a conselho de minha avó, meu pai se transferiu com a família. Em Buíque morei alguns anos e muitos fatos desse tempo estão contados no meu livro de memórias (RAMOS, *apud* SENNA, 1996, p. 197).

Considerando o critério de classificação da obra, descartam-se, portanto, as categorias “diários” e “confissões”. Pelo teor e organização do texto, o leitor percebe que não há datas especificando os fatos contados, inexistente o pacto com o calendário, tampouco o eu que se coloca se apresenta em tom de confissão à moda de Rousseau, no sentido de vir a público retratar-se ou de expor uma “verdade” ocultada. Como bem

aponta Antonio Candido (1999), nas *Confissões* há um certo esqueleto de realidade que não nos deixa confundi-la com um romance. Ao passo que,

em *Infância* o esqueleto quase se desfaz, dissolvido pela maneira de narrar, *simpática* e não objetiva, restando apenas uns pontos de ossificação para nos chamar à realidade (CANDIDO, 1999, p.50. Grifos do autor).

Esta maneira simpática de narrar revela a singularidade da obra que transcende tanto o objetivo inicial – escrever um livro abordando a bárbara educação nordestina – quanto à forma “livro de memórias” batizada pelo autor.

Precisamente no capítulo 34, segundo volume, de *Memórias do cárcere*, o autor diz que o impulso para a escrita de *Infância* se deve ao momento em que toma conhecimento da história de José, nordestino como ele, mas vagabundo, vadio e ladrão, que responsabilizava a família por ser o que era. Ao ouvi-lo, o memorialista percebe que a sua infância não foi melhor que a dele, pois também sofrera muito com a violência do pai e a indiferença da mãe e conclui em seguida: “e a lembrança deles me instigava a fazer um livro a respeito da bárbara educação nordestina” (RAMOS, 1987, p. 444).

Vale salientar que *Infância* é elaborado no período pós-cárcere, momento ainda marcado pelas agruras da prisão. O escritor, em sua pena não escamoteia as penas vividas no presente e estas não se diferenciam das penas do passado, se atentarmos para o universo de violência e opressão em que vivia o menino. Talvez esteja aí uma das pistas capazes de aclarar o jogo ambíguo dos intercâmbios entre passado-presente-futuro na urdidura do texto e “a memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo)” (CHAUI, 2000, p. 130). Não é descabido dizer que a experiência vivida na prisão influenciou, de certa maneira, a escrita de *Infância*. O contato com uma realidade adversa e com pessoas das mais variadas camadas sociais enriqueceu ainda mais o olhar observador, crítico e reflexivo do autor. No seu formato final, a obra representa a infância de um menino nordestino, num meio severo, revivendo fatos, pessoas e acontecimentos que influíram na sua educação e formação como pessoa. A infância em cena desmistifica a ideia do lugar

paradisiáco, ameno e feliz, pelo contrário, o menino habita o lócus horrendus, onde são raríssimos os espaços para as brincadeiras e para o prazer.

Tal como o adulto que foi marcado por cicatrizes profundas em sua convivência nos subterrâneos do cárcere, a criança também foi marcada por episódios de violência gratuita, maus-tratos, descasos, indiferenças. As imagens revisitadas da infância dialogam, de certa maneira, com o estado de exceção vigente em *Memórias do cárcere*. No conto “O menino da mata e o seu cão Piloto”, a criança é impedida de ler o livro que dá nome ao conto, por se tratar duma obra escrita por um autor protestante. Ao questionar o porquê da interdição, a prima Emília atesta que se trata de texto repugnante e incute medo no menino, pintando imagens horrendas do diabo e do inferno para reforçar o argumento. Impelido pela força argumentativa da prima, a criança sente-se acuada e perde o desejo de ler. A casa é um território ameaçador e impróprio às manifestações de liberdade: “Proíbiam-me rir, falar alto, brincar com os vizinhos, ter opiniões” – e encurralado – “Eu vivia numa grande cadeia. Não, vivia numa cadeia pequena, como papagaio amarrado na gaiola” (RAMOS, 1979, p. 208).

O espaço de *Infância* é sempre inabitável como uma prisão. O menino, sob a responsabilidade de adultos agressivos e ignorantes, é um prisioneiro a quem ditam as normas e inviabilizam qualquer forma de comunicação. Nesse sentido, não podemos deixar de citar aqui o conto “Um cinturão”, cuja narrativa revela a autoridade descabida de um pai que castiga de forma arbitrária e desleal, deixando claro que as surras eram um meio utilizado para corrigir faltas praticadas pelas crianças. O pequeno narrador conta que, certa vez, apanhou da mãe com uma espécie de corda com nós que o deixou com o corpo todo marcado. A recordação desse ato puxa a memória para outro ainda mais cruel e sem sentido. No conto, ele aparece como o réu condenado injustamente pelo desaparecimento do cinturão do seu pai. A reação da figura paterna foi imediata a chicoteá-lo, enquanto perguntava aos gritos, cheio de cólera: “onde estava o cinturão?”. A voz alterada ressoava ainda no presente da escrita. Aprisionado pelos braços do pai, a criança perde os sentidos e desmaia. E a pergunta repetida cinco vezes na narrativa evocava o grito que vinha do fundo da memória: “onde estava o cinturão? A pergunta

repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo” (RAMOS, 1979, p. 33).

A indagação busca uma resposta, no entanto, não há espaços para conversas e justificativas. Existe sim um prejulgamento, uma avaliação injusta que incide a culpa na criança, invalidando assim seu direito de defesa: “o homem não me perguntava se eu tinha guardado a miserável correia: ordenava que a entregasse imediatamente” (*id, ibid.*, p. 33). Análoga a essa pergunta proferida pela voz paterna, a outra, “por que fui preso?”, permeia a narrativa de *Memórias do cárcere*. Agora, o filho procura as respostas para o seu encarceramento. Diferentemente da figura do pai, o escritor evita o prejulgamento e avaliações descuidadas e isso serve não só para tentar desvendar as possíveis causas da prisão, como também para analisar o componente humano que povoa o universo do cárcere. Contudo, o memorialista busca, através de uma autoanálise minuciosa, atos de possíveis desconchavos para figurá-lo como criminoso. No cargo de funcionário da Instrução Pública de Alagoas, realizara feitos considerados impróprios ao poder da época:

ocasionara descontentamentos, decerto cometera numerosos erros, não tivera a habilidade necessária de prestar serviços a figurões, havia suprimido nas escolas o Hino de Alagoas, uma estupidez com solecismos, e isto se considerava impatriótico (RAMOS, 1987, p. 25).

Para o escritor, deveria ter uma explicação plausível, provas que o incriminassem, mas nada é apresentado. Seu estado de perplexidade mediante a falta de provas leva-o a fazer conjecturas. Por que estava ali para prendê-lo o sujeito que, um mês antes, pleiteara aprovação de banca especial para a sobrinha? O servidor público, no cargo de Diretor da Instrução, negara tal pedido, o caso era antirregulamentar. Inconformado com a situação, o tenente volta com carta de recomendação e ouve de novo a recusa fatal.

Aos poucos, o memorialista vai trazendo peças para formar o quebra-cabeça. A injustiça sofrida por meio do ato de violência paterna acaba encontrando ressonâncias na ação igualmente violenta e arbitrária do Estado Novo. Não há provas que juridicamente incriminem o escritor. Conforme assinala Dênis de Moraes:

Graciliano seria detido no “arrastão” comandado pelo General Newton Cavalcanti, um dos próceres da linha-dura no Exército e com que o líder integralista Plínio Salgado se orgulhava de ter “amizade sincera e confiança recíproca” (MORAES, 1993, p. 111).

Não havia motivos concretos para a prisão do escritor, tanto que ele jamais seria processado ou acusado publicamente. Preso em Alagoas em 1936, Graciliano Ramos vai para o quartel em Recife, de lá embarca junto aos criminosos no porão do navio Manaus, chegando à Casa de Detenção Frei Caneca doente e debilitado. É internado na Sala da Capela e solto quase um ano depois com a ajuda do advogado Sobral Pinto.

Pode-se deduzir que, nos interstícios do tecido do conto “Um cinturão” e da obra *Memórias do cárcere*, uma terceira voz ecoa, ampliando o desejo de compreensão dum mundo às avessas: “onde está a justiça?”. Esta, enquanto plano ideal incorruptível, é mera abstração, pois inexistente o estado de direitos e deveres plenos tanto no ambiente familiar da criança quanto no sistema prisional, onde o adulto permanecerá de março de 1936 a janeiro de 1937. O menino Graciliano desde cedo aprendeu a dolorosa lição que refluí posteriormente na vida do homem já formado: a justiça é injusta e, como ele próprio atesta, “não há nada mais precário que a justiça” (RAMOS, 1987, p. 31).

De que maneira o escritor enfrentaria as injustiças vividas? Descrente da militância partidária, Graciliano escolhe as “armas insignificantes”³, as palavras seriam o único meio de enfrentar as atrocidades do vivido desde o “desgraçado começo de vida”⁴ à experiência sofrida nos calabouços da ditadura. É a pena do escritor que vai desvendando as penas da vida num compromisso ético e estético com o seu fazer literário. “É sua forma de enfrentar, por meio da arte, o impasse intelectual num mundo

³ Na crônica “Os sapateiros da literatura”, Graciliano Ramos faz uma analogia entre o ofício do sapateiro e o ofício do escritor, mencionando o termo “armas insignificantes” para o exercício com as palavras: “Enfim, as sovelas furam e a faca pequena corta. São armas insignificantes. Mas são armas” (RAMOS, 2002, p. 184). Pode ser encontrada em *Linhas Tortas*, conforme indicação nas referências.

⁴ Esta expressão é usada por Graciliano Ramos em dedicatória de *Infância* a Pedro Moacir Maia. O texto pode ser consultado no livro, *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos*, na seção “Documentação iconográfica”.

de violência, em que parece vedada a possibilidade de mediações” (LEBENSZTAYN, 2010, p. 320).

Curiosamente é nesse mundo de violência que ele, desde menino, reconhece o valor enorme das palavras. Vale aqui citar o conto “Cegueira”. Neste episódio, o menino é acometido por uma enfermidade nos olhos e a narrativa esmiúça o drama do infante. “Bezerro-encourado” e “cabra-cega” são os apelidos dados pela mãe à criança acometida pela doença oftálmica. Em vez de prestar cuidados e atenção no momento debilitado da cegueira, Dona Maria zomba do filho e confirma a sua condição de intruso e indesejado no ambiente familiar ao compará-lo com o bezerro encourado, que é o pequeno animal adotado pela vaca por conta de um embuste. Quando uma cria morre, tira-lhe o couro e vestem com ele um órfão que, neste disfarce, é amamentado. A criança atormentada pela doença dos olhos, além de rejeitada, é privada de contato com o mundo exterior. Contudo, neste estado de extrema privação, ela atina sua sensibilidade para outros caminhos, os ouvidos ficam aguçados e na escuridão percebe “o valor enorme das palavras” (RAMOS, 1977, p. 138). São as vozes que reforçam a capacidade imaginativa do menino, conduzindo-o a expurgar ou aumentar os estímulos recebidos. E os estímulos sonoros vêm da rua, onde os meninos cantavam tabuada e faziam algazarra, e de outros espaços. No ambiente familiar a dor nos olhos é suavizada pela voz murmurante da irmã, ao passo que os versos cantados pela mãe despertam a curiosidade do menino pela forma como são interpretadas as narrativas de chegança e marujada. A intérprete dá uma dicção sertaneja aos cantos, deturpando partes, o que faz o ouvinte duvidar de algumas construções e imaginar possíveis ajustes. “A atenção concentrada na audição desencadeia o processo de organização dos sons” (LEITÃO, 2003, p. 105) e a imaginação supre os espaços lacunares, auxilia na apreensão do universo caótico, ameniza e contorna o medo da escuridão.

O menino questionador, imaginativo, ouvinte meticoloso e observador vive na figura do escritor adulto. Por meio dos seus próprios recursos de escritor, cujas ferramentas, caracterizadas por ele como “armas fracas e de papel”, ganhariam contornos numa luta ainda que precária, mas possível forma de enfrentamento com as forças coercitivas. Para Silviano Santiago (2013), o ofício da escrita em Graciliano

Ramos é um ato político no sentido do trabalho sério, criterioso e ético com a palavra. Para o alargamento da concepção política na escrita do autor de *Angústia*, Santiago ressalta que as ideias políticas que pensam o mundo justo se confundem com a correção da composição literária. Assim, seguindo outra forma de pensamento, em Ramos,

política é produto intrínseco à reflexão da imaginação criadora que deseja a perfeição e busca dar estilo ao produto artístico que fabrica em linguagem mínima concreta, simples e direta, esclarecedora e convincente (SANTIAGO, 2013, p. 3).

Consciente de que sua obra sobre as memórias da cadeia seria publicada postumamente, Graciliano Ramos engendra uma retrospectiva de mirada interior aos subterrâneos do cárcere. É dolorosa essa guinada no andar de baixo, mormente porque ela reaviva feridas não cicatrizadas, além de remexer com o passado e com figuras que ainda estavam vivas no período da escrita. A não escolha do “prnomezinho irritante” tira de foco um Eu que poderia soar como autoritário e absoluto. Como observa Alfredo Bosi (1995), o depoente em *Memórias do cárcere* é um homem que não pretende abandonar o seu compromisso de base com a fidelidade à própria consciência. A tarefa da composição das cadeias é árdua; o escritor só empreende a difícil empreitada quase dez anos após sair da prisão. Em 1953 morre sem concluir o texto, publicado nesse mesmo ano, alguns meses depois do seu falecimento. Simbolicamente, não se pode dizer que as memórias do tempo do cárcere têm fim. O autor trouxe seu testemunho num dos seus livros de maior extensão. Segundo Bosi (1995), a coragem de Graciliano nessas memórias confere força à narrativa que relativiza tanto as versões alheias quanto as próprias. “As palavras feitas para dizer”⁵ integram a máxima seguida no projeto literário de Ramos. Ideologicamente, sua literatura põe em evidência os que estão à margem: meninos pelados, abandonados, violentados, retirantes da seca, presidiários; enfim, a humanidade desvelada povoa seus livros e as palavras, ainda que forças precárias, são armas que apontam na direção dum mundo cuja justiça seja concreta.

⁵ Em mais um de seus processos discursivos sobre o ato de escrever, aqui Ramos faz uma comparação desse exercício com o das lavadeiras de Alagoas. O texto na íntegra pode ser visto na contracapa de *São Bernardo*, publicado em 2005, pela Record: “Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício (...). Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso. A palavra foi feita para dizer”.

Referências

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3.ed. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em Memórias do cárcere. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 9, n. 23, jan./abr. 1995.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

GARBUGLIO, José Carlos et.al. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.

LEBENSZTAYN, Ieda. *Graciliano Ramos e a novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis*. São Paulo: Hedra, 2010.

LEITÃO, Cláudio. *Líquido e incerto: memória e exílio em Graciliano Ramos*. Niterói: EDUFF; São João Del Rei: UFSJ, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução Jovita Maria e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MAIA, Pedro Moacir. *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos*. Organização e apresentação Fernando da Rocha Peres. Salvador: EDUFBA, 2008.

MORAES, Denis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

PEREIRA, Maria Betânia Almeida. Memórias de infância em Graciliano Ramos. *Linguagem em (Re)vista*. Ano 08, n. 15-16. Niterói, 2013.

_____. Da literatura como força – ou têm poder as armas insignificantes? In: SANTOS, Matildes Demetrio dos; SILVA, Mônica Gomes da (Orgs.). *Pensar Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

_____. *Cartas*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. *Linhas tortas*. 19. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002.

_____. *Memórias do cárcere*. Volumes I e II. São Paulo: Círculo do livro, 1987.

_____. *São Bernardo*. 45. ed. São Paulo: Record, 1986.

SANTIAGO, Silviano. Mestre Graça não é piedade. Edição Especial Prosa e Verso, *Jornal O Globo*, 20/07/2013.

SENNA, Homero. *República das letras: entrevistas com vinte escritores brasileiros*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.